

CAPÍTULO I



Tu não sabes nada sobre mim se não tiveres lido um livro chamado *As Aventuras de Tom Sawyer*, mas isso não interessa. Esse livro foi feito pelo Sr. Mark Twain, e ele disse quase sempre a verdade. Disse sobretudo a verdade, apesar de haver umas coisas que exagerou. Ora isso não é nada. Eu cá nunca vi gente que não mentisse uma vez por outra, tirando a Tia Polly, ou a Viúva, ou talvez a Mary. Isso da Tia Polly — ou seja, a Tia Polly do Tom — e da Mary, e da Viúva Douglas, está tudo explicado nesse livro, que é um livro que diz quase sempre a verdade, se bem que às vezes exagere, como eu já disse antes.

Ora a maneira como o livro acaba é assim: eu e o Tom encontrámos o dinheiro que os ladrões tinham escondido na gruta e ficámos ricos. Ficámos com seis mil dólares cada

um — tudo em ouro. Aquilo era um montão de dinheiro quando o empilhámos todo junto. Ora, o Juiz Thatcher pegou nele e pô-lo a juros, e rende-nos um dólar por dia a cada um, todos os dias do ano — mais do que uma pessoa consegue gastar. A Viúva Douglas tomou-me por filho,

e decidiu que me ia sivelizar; só que era duro viver numa casa o tempo todo, sendo a Viúva em tudo tão decente e de uma regularidade tão pavorosa; e por isso, quando já não podia mais, fugi de fininho. Enfiei mais uma vez os meus trapos velhos e o meu barril, e senti-me livre e satisfeito. Mas o Tom Sawyer veio atrás de mim e disse que ia formar um bando de ladrões, e que eu podia fazer parte se voltasse para casa da Viúva e fosse respeitável. Por isso voltei para trás.

A Viúva chorou para cima de mim e chamou-me pobre vitelo e mais uma data de outros nomes, também, mas nunca os dizia com maldade. Enfiou-me outra vez nas roupas novas e eu não podia senão suar e suar e sentir-me todo empertigado. E assim lá recomeçou tudo como antes. Ao jantar a Viúva tocava uma campainha, e tinha de se aparecer a tempo. Quando se chegava à mesa, não se podia começar logo a comer, tinha de



se esperar que a Viúva baixasse a cabeça e resmungasse umas coisas por cima dos pratos, apesar de não haver nada a dizer sobre eles — quer dizer, nada, a não ser que eram cozinhados separados uns dos outros. No barril dos restos é diferente: fica tudo misturado, confundem-se os sucos de umas coisas e das outras, e todas ficam melhores.

Depois do jantar, a Viúva puxou do livro e falou-me do Moisés e dos Juncos, e eu estava ansioso por aprender tudo o que lhe tinha acontecido. Só que daí a pouco ela deixou escapar que o Moisés já tinha morrido há uns anos largos, e a partir daí deixei de me interessar por ele, porque não sou de acreditar em mortos.

Daí a pouco tive vontade de fumar, e pedi autorização à Viúva. Mas ela disse que não. Dizia que fumar era um hábito reles e sujo e que eu devia tentar deixar de o fazer. Há gente que é mesmo assim. Criticam as coisas sem saberem de que é que estão falar. Lá estava ela a preocupar-se

com o Moisés, que não lhe era nada, nem servia para nada, já que estava morto, claro, e ao mesmo tempo a culpar-me por fazer uma coisa que era boa. Além disso, tomava rapé, ela — mas claro que isso era aceitável, porque ela própria o fazia.

A irmã dela, a Miss Watson, uma velha solteira um tanto magra, com óculos, tinha vindo há pouco viver com ela, e agora encurralava-me com o livro de ortografia. Puxava bastante por mim durante coisa de uma hora, e depois a Viúva mandava-a abrandar. Eu não teria conseguido aguentar muito mais. Depois durante outra hora era um enfado de morte, e eu ficava irrequieto. A Miss Watson dizia: «Não ponhas os pés aí em cima, Huckleberry» e «Não te sentes assim todo retorcido, Huckleberry — as costas direitas»; e daí a pouco: «Pára de te esparramar e de te espreguiçar dessa maneira, Huckleberry — porque não te portas como deve ser?» Depois contou-me tudo sobre o lugar mau, e eu disse: «Quem me dera lá estar.» Então ela zangou-se, embora eu não tivesse dito aquilo por mal. O que eu queria era ir para um sítio qualquer; só queria uma mudança, não era esquisito. Ela disse que era uma maldade eu ter dito o que disse; que ela não diria tal coisa por nada deste mundo; que *ela* ia viver de maneira a ir para o lugar bom. Ora, eu cá não via vantagem nenhuma em ir parar ao mesmo lugar que ela, por isso decidi de uma vez por todas nem sequer tentar. Mas nunca o disse em voz alta, porque só iria criar problemas e não traria bem nenhum.



Uma vez que tinha falado no assunto, continuou e contou-me tudo sobre o lugar bom. Disse que, lá, a única coisa que havia para fazer era andar todo o dia às voltas, a cantar, com uma harpa na mão, para todo o sempre. Por isso não fiquei com uma grande ideia daquilo. Mas nunca disse nada. Perguntei-lhe se ela achava que o Tom Sawyer iria lá parar, e ela disse que nem por sombras. Eu fiquei contente por ouvir esta resposta, porque queria que ele e eu ficássemos juntos.

A Miss Watson não parava de me dar bicadas, e eu sentia-me cansado e sozinho. Por fim acabaram por reunir lá dentro os pretos e rezaram, e

depois foi toda a gente para a cama. Eu subi para o meu quarto com um coto de vela e pousei-o em cima da mesa. Depois sentei-me numa cadeira perto da janela e tentei pensar nalguma coisa alegre, mas não valia a pena. Sentia-me tão sozinho que mais me apetecia morrer. As estrelas brilhavam; ouviam-se os lamentos das folhas que restolhavam na floresta; ouvi uma coruja, ao longe, piando porque alguém tinha morrido, e um noitibó e um cão a uivarem por alguém que ia morrer; o vento tentava segredar-me qualquer coisa que eu não percebia e fiquei com arrepios no corpo todo. Depois, lá ao longe no bosque, ouvi aquele som: o som que faz um fantasma quando está a tentar contar-nos alguma coisa que o aflige mas não consegue fazer-se entender, e por isso não pode descansar na sua campa e tem de andar por aí todas as noites aos gemidos. Fiquei tão abatido e assustado que desejei mesmo ter companhia. Daí a nada veio uma aranha subir pelo meu ombro; dei-lhe um piparote e a vela pegou-lhe fogo — antes que eu pudesse mexer um dedo ficou toda encarquilhada. Eu não precisava que ninguém me dissesse que aquilo era um sinal terrivelmente mau e que me ia trazer azar, por isso tive medo e sacudi o pó da roupa. Levantei-me e andei às voltas repetindo os mesmos passos três vezes, e benzi-me de cada uma delas; e depois ateí uma peque-



na mecha do meu cabelo com um fio para afastar as bruxas, mas sem grande convicção. Isto era o que se fazia quando se encontrava uma feradura e se tornava a perdê-la em vez de a ter pregado por cima de uma porta, mas eu nunca tinha ouvido dizer a ninguém que fosse uma maneira de afastar a má sorte depois de se ter matado uma aranha.

Sentei-me de novo, todo a tremer, e puxei do meu cachimbo para fumar; porque agora a casa estava num silêncio de morte, e por isso a Viúva não iria notar. Ora, depois de um grande bocado ouvi o relógio ao longe na cidade batendo, bum—bum—bum, doze badaladas; e tudo ficou silencioso outra vez — mais do que nunca. Daí a nada ouvi estalar um galho no escuro por entre as árvores — era qualquer coisa a mexer. Sentei-me quieto e fiquei à escuta. Logo a seguir pude ouvir com uma certa dificuldade um «miiiau! miiiau!» lá em baixo. Aquilo era coisa boa! Fiz também «miiiau! miiiau!», o mais baixo possível, e depois apaguei a luz e escapuli-me pela janela para o telheiro. Daí escorreguei até ao chão e rastejei por entre as árvores, e, claro, lá estava o Tom à minha espera.